

Título : Geração 80, 40 anos depois: artistas relembram bastidores da histórica exposição de 1984, na EAV do Parque Lage

Data : 14/07/2024 Veículo : O Globo Página : Online

Canal : Escola de Artes Visuais do Parque Lage

Valor : 128622 Page Views : 2888504 Visitantes : 557574

Há exatas quatro décadas, a Escola de Artes Visuais (EAV) do **Parque Lage**, criada por Rubens Gerchman nove anos antes, era ocupada por 123 artistas, com

trabalhos que tomavam toda a estrutura do palacete e dos jardins. Batizada com uma pergunta, "Como vai você, Geração 80?", a coletiva gerou muito mais inquietações que respostas, que balizaram a arte brasileira pelos 40 anos seguintes, e garantiram seu lugar entre as principais exposições nacionais do século XX.

Mesmo com o tempo consolidando a importância histórica do evento, na memória de seus participantes ainda vem a urgência de mostrar uma produção que espelhasse o momento do país, com a efervescência pós-abertura democrática e ainda sob o impacto da campanha pelas Diretas Já, que gerava outros fenômenos culturais, como o Rock Brasil e o teatro besteirol. Os poucos registros da abertura naquele 14 de julho de 1984 ou do público lotando a escola para ver a exposição - foram mais de 15 mil pessoas em um mês de duração, um número então impensável para a EAV - indicam o quanto o pensamento estava mais focado no presente do que na consagração futura.

A convite do GLOBO, cinco artistas presentes na mostra - Beatriz Milhazes, Analu Cunha, Xico Chaves, Luiz Pizarro e Chico Cunha - e o curador Marcus Lontra, que assinou a coletiva com Paulo Roberto Leal (1946-1991) e Sandra Magger (1956-2018), se encontraram na EAV para relembrar o evento e avaliar seus impactos na produção brasileira 40 anos depois.

- Havia um otimismo no ar, e o Rio respondia a isso. Tinha o Asdrúbal (Trouxe o Trombone), o Circo Voador, e, apesar de ter artistas de São Paulo e outros estados, a "Como vai você" foi também uma resposta carioca ao momento - contextualiza Lontra, à época diretor da EAV. - Foi um meio de apresentar aquela produção, feita de forma muito romântica. Chamamos os artistas para ocupar a escola, não havia uma organização mega, ninguém pensou em contratar fotógrafo. Inauguramos no sábado, e no domingo o Paulo (Roberto Leal) me ligou de manhã dizendo que tinha uma multidão na porta e precisávamos abrir. Ninguém esperava isso.

Após o sucesso original, Lontra voltou à produção do período 20 anos depois, com "Onde está você, Geração 80?" (2004), no CCBB do Rio, e organiza, para novembro, a coletiva "Quem é você, Geração 80?", prevista para a Casa França-Brasil. Outra exposição que aborda obras daquela época será montada também no CCBB do Rio, em outubro, com curadoria de Raphael Fonseca. E a EAV promove, até o fim do mês, encontros entre artistas e curadores relacionados ao evento de 1984 (confira programação na página 2).

Projetada internacionalmente nas décadas seguintes, Beatriz Milhazes lembra que a perspectiva para os alunos e aspirantes a artistas em 1984, como ela na época, era muito diferente da realidade atual, com o mercado mais consolidado, e um circuito mais amplo de galerias e feiras de arte.

- Tudo demorava a chegar aqui. Quando apareciam umas quatro (revistas) ArtForum, de três meses atrás, eram disputadas a tapa - diverte-se a pintora. - Todos nós crescemos durante a ditadura, e o mais importante naquele momento era sentir que éramos livres para nos expressar. Entre a gente tinha um pequeno grupo de artistas já com galeria, mas para a maioria viver de arte ainda parecia uma coisa distante. Só depois que cada um foi construindo sua trajetória, ampliando o mercado.

Exposição 'Como vai você, Geração 80?' completa 40 anos

Para Chico Cunha, que é arquiteto de formação, a exposição abriu caminhos profissionais para aquele grupo de jovens e os que vieram depois:

- A partir da mostra, a ideia de viver como artista começou a entrar na classe média. As famílias começavam a aceitar que aquilo podia ser viável, vendo alguns exemplos de artistas que estavam se dando bem financeiramente.

'Volta' à pintura

Pelo maior número de pintores, como Chico e Beatriz, além de nomes como Luiz Zerbini, Cristina Canale, Daniel Senise, Leonilson, Gonçalo Ivo e Victor Arruda, a mostra ficou associada a um movimento de "volta à pintura", após a predominância da arte conceitual nas décadas anteriores. Contudo, também teve a participação de artistas que trabalhavam (ou trabalhariam nos anos seguintes) outros suportes, como o escultor Barrão, as gravadoras Analu Cunha e Suzana Queiroga e os artistas multimídia Alexandre Dacosta e Ricardo Basbaum. Egressa da Oficina de Gravura do Museu do Ingá, em Niterói, e, a partir dos anos 2000, dedicada à videoarte, Analu lembra como o burburinho ultrapassou os muros do Parque Lage e atraiu artistas de várias partes.

- Soubemos que iria acontecer e viemos, eu e Bia Pimenta (Velloso), com as pastinhas debaixo do braço apresentar nossas gravuras. Tinha muita gente fazendo outras coisas, ainda que o foco estivesse na pintura - comenta Analu, que é professora do Programa de Pós-Graduação em Artes da Uerj. - Para a maioria de nós, na época, viver de arte era coisa de herdeiro, o que não era nosso caso. E as escolhas profissionais vinham também das nossas limitações. Acabei indo para o vídeo porque era viável, eu não tinha ateliê e, ao mesmo tempo, tive facilidade em aprender a editar.

'As pessoas estavam carentes de figura, de cor'

A predominância da pintura estava associada também, segundo os artistas que integraram a "Como vai você, Geração 80?", à necessidade de abordar questões represadas desde os anos da ditadura.

- As pessoas estavam carentes de figura, de cor. E a pintura surge como uma linguagem capaz de responder com rapidez a isso. A maioria ali desenvolveu uma relação de cumplicidade, e precisava expressar o que estava vivendo. Ninguém queria pensar demais a obra, era mais mão na massa mesmo - pontua Marcus Lontra. - E é importante ressaltar também a qualidade dessa produção. Para mim, os pintores da geração 80 são, na sua grande maioria, os melhores pintores da história da arte brasileira.

Professor da EAV, assim como Xico Chaves e Chico Cunha, Luiz Pizarro faz eco ao curador em relação às urgências que eram trabalhadas com tintas e pincéis por artistas da época.

- Eu fiz, para a mostra em 1984, uma série chamada "Pegação no Parque", que eram três figuras masculinas enormes, uma azul, uma vermelha e uma amarela, fazendo cruising prática de flerte ou sexo com desconhecidos em lugares públicos). Talvez hoje até fosse censurada, porque aparecia pau, corpo - recorda Pizarro. - A gente vivia intensamente a cidade. Íamos pro sol, pro Baixo Leblon, pro Posto 9, pras festas. A gente vivenciava o que ia trabalhar nas obras.

Xico Chaves acrescenta que muito do clima da exposição vinha do próprio dia a dia da escola, que os alunos frequentavam diariamente:

- Tudo convergia para cá. Eram eventos de poesia visual, poesia-processo, vários shows, de Caetano Veloso, Jards Macalé, Luiz Melodia. O movimento de novos palhaços, os grupos de dança, até o Circo Voador vai ter início na EAV. Aqui é o lugar onde todas essas linguagens se misturam e que vão resultar numa galáxia, que vai desembocar em outras galáxias.

Para Alberto Saraiva, diretor da EAV, dentre os legados deixados pela exposição de 1984 está a permanência do "DNA da escola", que ficou conhecida em todo o país após a repercussão do evento.

- Isso é algo que é muito claro para quem estudou ou ensinou aqui, a contribuição da escola para um pensamento brasileiro. É o que a gente tenta dar sequência, com os professores que são artistas, curadores, historiadores da arte, e intelectuais de um modo geral - destaca Saraiva. - A gente vai caminhando diante de todas as dificuldades, e consegue levar a outras partes do Brasil e do mundo, por meio de parcerias, um pouco da nossa história. Recebemos várias visitas de diretores de instituições internacionais e eles ficam impressionados com o prédio, essa floresta e a multidão de visitantes que passam por aqui diariamente. É o que faz a escola viva.

Beatriz Milhazes acredita que, ao consolidar a internacionalização da arte brasileira, a geração 80 também mudou a forma como a produção nacional era vista:

- As regras do mercado foram historicamente ditadas pela Europa e pelos Estados Unidos. Mas quando conseguimos criar esses espaços, passamos a ter outra compreensão da arte, que não estava submetida a nenhuma visão de fora.

Título : Vem aí: produção da geração 80 será tema de mostras no CCBB e na Casa França-Brasil

Data : 14/07/2024 Veículo : O Globo Página : Online

Canal : Escola de Artes Visuais do Parque Lage

Valor : 43227.6 Page Views : 2888504 Visitantes : 557574

A produção do período, que já havia sido abordada na mostra "Leonilson e a Geração 80", em setembro do ano passado, na galeria Pinakothek Cultural , em

Botafogo, vai ser tema de outros eventos no segundo semestre. Por conta dos 40 anos da exposição original, a EAV promove, até o fim do mês, um ciclo de conversas aberto ao público, sempre às 17h30. Nesta quarta-feira (17), a curadora e professora Daniele Machado e Luiz Pizarro participam da mesa "Quem tem medo do prazer?"; no dia 23, Beatriz Milhazes e Daniel Senise se encontram com o tema "Conversas sobre uma geração"; e no dia 31, Alberto Saraiva, Xico Chaves e o galerista Max Perlingeiro, da Pinakothek, falam sobre "Leonilson e sua geração".

No final de novembro, Marcus Lontra planeja abrir na Casa França-Brasil (com possibilidade de também ocupar outras instituições) a coletiva "Quem é você, Geração 80?", continuando a trilogia iniciada por "Como vai você, Geração 80?" (1984) e "Onde está você, Geração 80?" (2004).

- Em 1984, muita gente dizia, em tom de provocação, que queria saber quem daqueles 123 artistas iria sobrar. A exposição de 2004 foi exatamente para mostrar isso, que muitos daqueles jovens lá de trás já faziam parte da vida artística nacional - comenta Lontra. - Agora a exposição tem um caráter histórico mesmo, de mostrar como a geração 80 influencia a produção contemporânea, ampliando até os conceitos curatoriais para abranger esse leque de questões relacionadas na produção destes artistas. É um reconhecimento da importância destes nomes, como se fez com os concretos, os modernistas.

Exposição 'Como vai você, Geração 80?' completa 40 anos

Já o curador Raphael Fonseca e os curadores adjuntos Amanda Tavares e Tálisson Melo preparam para outubro no CCBB do Rio uma coletiva que atravessa a produção dos anos 1980, com um recorte criado a partir de dois eventos: o fim do Ato Institucional 5 (AI-5), em 1978, e o impeachment do então presidente Fernando Collor de Mello, em 1992. Ainda sem título definido, a mostra reunirá, entre as 300 obras de 150 artistas selecionados, trabalhos dos nomes que integraram a "Como vai você, Geração 80?", mas também contemporâneos de outras regiões do país.

- A exposição da EAV é um marco incontornável da história da arte brasileira, não teríamos como contar essa história sem passar por ela. A ideia é ampliar esse panorama e mostrar também outras coisas que estavam acontecendo ao mesmo tempo pelo Brasil, ou artistas que estavam produzindo no exílio - adianta Fonseca. - Eram vários anseios existenciais sendo trabalhados no período, como pintura, cerâmica, vídeo. Por isso que falamos em várias "gerações 80", para dar conta dessa diversidade.

'A previsão de Londres' (1987), de Danilo de S'Acree: em outubro no CCBB - Foto: Divulgação

Título : Geração 80, 40 anos depois: artistas relembram bastidores da histórica exposição de 1984, na EAV do Parque Lage

Data : 14/07/2024 Veículo : Mix vale Página : Online

Canal : Escola de Artes Visuais do Parque Lage

Valor : 12214.36 Page Views : 38323 Visitantes : 29807

Há exatas quatro décadas, a Escola de Artes Visuais (EAV) do **Parque Lage**, criada por Rubens Gerchman nove anos antes, era ocupada por 123 artistas, com trabalhos que tomavam toda a estrutura do palacete e dos jardins. Batizada com uma pergunta, "Como vai você, Geração 80?", a coletiva gerou muito mais inquietações que respostas, que balizaram a arte brasileira pelos 40 anos seguintes, e garantiram seu lugar entre as principais exposições nacionais do século XX.

Bill Viola: Referência da videoarte nos EUA morre aos 73 anos

Meta Gallery: Galeria carioca totalmente dedicada à arte tecnológica exhibe mostra de criptoarte e prevê escola de inovação

Mesmo com o tempo consolidando a importância histórica do evento, na memória de seus participantes ainda vem a urgência de mostrar uma produção que espelhasse o momento do país, com a efervescência pós-abertura democrática e ainda sob o impacto da campanha pelas Diretas Já, que gerava outros fenômenos culturais, como o Rock Brasil e o teatro besteirol. Os poucos registros da abertura naquele 14 de julho de 1984 ou do público lotando a escola para ver a exposição - foram mais de 15 mil pessoas em um mês de duração, um número então impensável para a EAV - indicam o quanto o pensamento estava mais focado no presente do que na consagração futura.

A convite do GLOBO, cinco artistas presentes na mostra - Beatriz Milhazes, Analu Cunha, Xico Chaves, Luiz Pizarro e Chico Cunha - e o curador Marcus Lontra, que assinou a coletiva com Paulo Roberto Leal (1946-1991) e Sandra Magger (1956-2018), se encontraram na EAV para relembrar o evento e avaliar seus impactos na produção brasileira 40 anos depois.

- Havia um otimismo no ar, e o Rio respondia a isso. Tinha o Asdrúbal (Trouxe o Trombone), o Circo Voador, e, apesar de ter artistas de São Paulo e outros estados, a "Como vai você" foi também uma resposta carioca ao momento - contextualiza Lontra, à época diretor da EAV. - Foi um meio de apresentar aquela produção, feita de forma muito romântica. Chamamos os artistas para ocupar a escola, não havia uma organização mega, ninguém pensou em contratar fotógrafo. Inauguramos no sábado, e no domingo o Paulo (Roberto Leal) me ligou de manhã dizendo que tinha uma multidão na porta e precisávamos abrir. Ninguém esperava isso.

Após o sucesso original, Lontra voltou à produção do período 20 anos depois, com "Onde está você, Geração 80?" (2004), no CCBB do Rio, e organiza, para novembro, a coletiva "Quem é você, Geração 80?", prevista para a Casa França-Brasil. Outra exposição que aborda obras daquela época será montada também no CCBB do Rio, em outubro, com curadoria de Raphael Fonseca. E a EAV promove, até o fim do mês, encontros entre artistas e curadores relacionados ao evento de 1984 (confira programação na página 2).

Projetada internacionalmente nas décadas seguintes, Beatriz Milhazes lembra que a perspectiva para os alunos e aspirantes a artistas em 1984, como ela na época, era muito diferente da realidade atual, com o mercado mais consolidado, e um circuito mais amplo de galerias e feiras de arte.

- Tudo demorava a chegar aqui. Quando apareciam umas quatro (revistas) ArtForum, de três meses atrás, eram disputadas a tapa - diverte-se a pintora. - Todos nós crescemos durante a ditadura, e o mais importante naquele momento era sentir que éramos livres para nos expressar. Entre a gente tinha um pequeno grupo de artistas já com galeria, mas para a maioria viver de arte ainda parecia uma coisa distante.

Só depois que cada um foi construindo sua trajetória, ampliando o mercado.

Para Chico Cunha, que é arquiteto de formação, a exposição abriu caminhos profissionais para aquele grupo de jovens e os que vieram depois:

- A partir da mostra, a ideia de viver como artista começou a entrar na classe média. As famílias começavam a aceitar que aquilo podia ser viável, vendo alguns exemplos de artistas que estavam se dando bem financeiramente.

'Volta' à pintura

Pelo maior número de pintores, como Chico e Beatriz, além de nomes como Luiz Zerbini, Cristina Canale, Daniel Senise, Leonilson, Gonçalo Ivo e Victor Arruda, a mostra ficou associada a um movimento de "volta à pintura", após a predominância da arte conceitual nas décadas anteriores. Contudo, também teve a participação de artistas que trabalhavam (ou trabalhariam nos anos seguintes) outros suportes, como o escultor Barrão, as gravadoras Analu Cunha e Suzana Queiroga e os artistas multimídia Alexandre Dacosta e Ricardo Basbaum. Egressa da Oficina de Gravura do Museu do Ingá, em Niterói, e, a partir dos anos 2000, dedicada à videoarte, Analu lembra como o burburinho ultrapassou os muros do **Parque Lage** e atraiu artistas de várias partes.

- Soubemos que iria acontecer e viemos, eu e Bia Pimenta (Velloso), com as pastinhas debaixo do braço apresentar nossas gravuras. Tinha muita gente fazendo outras coisas, ainda que o foco estivesse na pintura - comenta Analu, que é professora do Programa de Pós-Graduação em Artes da Uerj. - Para a maioria de nós, na época, viver de arte era coisa de herdeiro, o que não era nosso caso. E as escolhas profissionais vinham também das nossas limitações. Acabei indo para o vídeo porque era viável, eu não tinha ateliê e, ao mesmo tempo, tive facilidade em aprender a editar.

'As pessoas estavam carentes de figura, de cor'

A predominância da pintura estava associada também, segundo os artistas que integraram a "Como vai você, Geração 80?", à necessidade de abordar questões represadas desde os anos da ditadura.

- As pessoas estavam carentes de figura, de cor. E a pintura surge como uma linguagem capaz de responder com rapidez a isso. A maioria ali desenvolveu uma relação de cumplicidade, e precisava expressar o que estava vivendo. Ninguém queria pensar demais a obra, era mais mão na massa mesmo - pontua Marcus Lontra. - E é importante ressaltar também a qualidade dessa produção. Para mim, os pintores da geração 80 são, na sua grande maioria, os melhores pintores da história da arte brasileira.

Professor da EAV, assim como Xico Chaves e Chico Cunha, Luiz Pizarro faz eco ao curador em relação às urgências que eram trabalhadas com tintas e pincéis por artistas da época.

- Eu fiz, para a mostra em 1984, uma série chamada "Pegação no Parque", que eram três figuras masculinas enormes, uma azul, uma vermelha e uma amarela, fazendo cruising (prática de flerte ou sexo com desconhecidos em lugares públicos). Talvez hoje até fosse censurada, porque aparecia pau, corpo - recorda Pizarro. - A gente vivia intensamente a cidade. Íamos pro sol, pro Baixo Leblon, pro Posto 9, pras festas. A gente vivenciava o que ia trabalhar nas obras.

Xico Chaves acrescenta que muito do clima da exposição vinha do próprio dia a dia da escola, que os alunos frequentavam diariamente:

- Tudo convergia para cá. Eram eventos de poesia visual, poesia-processo, vários shows, de Caetano Veloso, Jards Macalé, Luiz Melodia. O movimento de novos palhaços, os grupos de dança, até o Circo Voador vai ter início na EAV. Aqui é o lugar onde todas essas linguagens se misturam e que vão resultar numa galáxia, que vai desembocar em outras galáxias.

Para Alberto Saraiva, diretor da EAV, dentre os legados deixados pela exposição de 1984 está a permanência

do "DNA da escola", que ficou conhecida em todo o país após a repercussão do evento.

- Isso é algo que é muito claro para quem estudou ou ensinou aqui, a contribuição da escola para um pensamento brasileiro. É o que a gente tenta dar sequência, com os professores que são artistas, curadores, historiadores da arte, e intelectuais de um modo geral - destaca Saraiva. - A gente vai caminhando diante de todas as dificuldades, e consegue levar a outras partes do Brasil e do mundo, por meio de parcerias, um pouco da nossa história. Recebemos várias visitas de diretores de instituições internacionais e eles ficam impressionados com o prédio, essa floresta e a multidão de visitantes que passam por aqui diariamente. É o que faz a escola viva.

Beatriz Milhazes acredita que, ao consolidar a internacionalização da arte brasileira, a geração 80 também mudou a forma como a produção nacional era vista:

- As regras do mercado foram historicamente ditadas pela Europa e pelos Estados Unidos. Mas quando conseguimos criar esses espaços, passamos a ter outra compreensão da arte, que não estava submetida a nenhuma visão de fora.

Título : Geração 80, 40 anos depois: artistas relembram bastidores da histórica exposição de 1984, na EAV do Parque Lage

Data : 14/07/2024 Veículo : Tribuna do Sertão Página : Online

Canal : Escola de Artes Visuais do Parque Lage

Valor : 12596.88 Page Views : 29114 Visitantes : 29114

Beatriz Milhazes, Analu Cunha, Xico Chaves, Luiz Pizarro e Chico Cunha, que estavam entre os 123 artistas de 'Como vai você, Geração 80?', e o curador Marcus Lontra se reencontram na escola do Jardim Botânico para analisar legado da mostra

Agência O Globo -

Há exatas quatro décadas, a Escola de Artes Visuais (EAV) do Parque Lage, criada por Rubens Gerchman nove anos antes, era ocupada por 123 artistas, com trabalhos que tomavam toda a estrutura do palacete e dos jardins. Batizada com uma pergunta, "Como vai você, Geração 80?" , a coletiva gerou muito mais inquietações que respostas, que balizaram a arte brasileira pelos 40 anos seguintes, e garantiram seu lugar entre as principais exposições nacionais do século XX.

Bill Viola: Referência da videoarte nos EUA morre aos 73 anos

Meta Gallery: Galeria carioca totalmente dedicada à arte tecnológica exhibe mostra de criptoarte e prevê escola de inovação

Mesmo com o tempo consolidando a importância histórica do evento, na memória de seus participantes ainda vem a urgência de mostrar uma produção que espelhasse o momento do país, com a efervescência pós-abertura democrática e ainda sob o impacto da campanha pelas Diretas Já, que gerava outros fenômenos culturais, como o Rock Brasil e o teatro besteirol. Os poucos registros da abertura naquele 14 de julho de 1984 ou do público lotando a escola para ver a exposição - foram mais de 15 mil pessoas em um mês de duração, um número então impensável para a EAV - indicam o quanto o pensamento estava mais focado no presente do que na consagração futura.

A convite do GLOBO, cinco artistas presentes na mostra - Beatriz Milhazes, Analu Cunha, Xico Chaves, Luiz Pizarro e Chico Cunha - e o curador Marcus Lontra, que assinou a coletiva com Paulo Roberto Leal (1946-1991) e Sandra Magger (1956-2018), se encontraram na EAV para relembrar o evento e avaliar seus impactos na produção brasileira 40 anos depois.

- Havia um otimismo no ar, e o Rio respondia a isso. Tinha o Asdrúbal (Trouxe o Trombone), o Circo Voador, e, apesar de ter artistas de São Paulo e outros estados, a "Como vai você" foi também uma resposta carioca ao momento - contextualiza Lontra, à época diretor da EAV. - Foi um meio de apresentar aquela produção, feita de forma muito romântica. Chamamos os artistas para ocupar a escola, não havia uma organização mega, ninguém pensou em contratar fotógrafo. Inauguramos no sábado, e no domingo o Paulo (Roberto Leal) me ligou de manhã dizendo que tinha uma multidão na porta e precisávamos abrir. Ninguém esperava isso.

Após o sucesso original, Lontra voltou à produção do período 20 anos depois, com "Onde está você, Geração 80?" (2004), no CCBB do Rio, e organiza, para novembro, a coletiva "Quem é você, Geração 80?", prevista para a Casa França-Brasil. Outra exposição que aborda obras daquela época será montada também no CCBB do Rio, em outubro, com curadoria de Raphael Fonseca. E a EAV promove, até o fim do mês, encontros entre artistas e curadores relacionados ao evento de 1984 (confira programação na página 2).

Projetada internacionalmente nas décadas seguintes, Beatriz Milhazes lembra que a perspectiva para os alunos e aspirantes a artistas em 1984, como ela na época, era muito diferente da realidade atual, com o

mercado mais consolidado, e um circuito mais amplo de galerias e feiras de arte.

- Tudo demorava a chegar aqui. Quando apareciam umas quatro (revistas) ArtForum, de três meses atrás, eram disputadas a tapa - diverte-se a pintora. - Todos nós crescemos durante a ditadura, e o mais importante naquele momento era sentir que éramos livres para nos expressar. Entre a gente tinha um pequeno grupo de artistas já com galeria, mas para a maioria viver de arte ainda parecia uma coisa distante. Só depois que cada um foi construindo sua trajetória, ampliando o mercado.

Para Chico Cunha, que é arquiteto de formação, a exposição abriu caminhos profissionais para aquele grupo de jovens e os que vieram depois:

- A partir da mostra, a ideia de viver como artista começou a entrar na classe média. As famílias começavam a aceitar que aquilo podia ser viável, vendo alguns exemplos de artistas que estavam se dando bem financeiramente.

'Volta' à pintura

Pelo maior número de pintores, como Chico e Beatriz, além de nomes como Luiz Zerbini, Cristina Canale, Daniel Senise, Leonilson, Gonçalo Ivo e Victor Arruda, a mostra ficou associada a um movimento de "volta à pintura", após a predominância da arte conceitual nas décadas anteriores. Contudo, também teve a participação de artistas que trabalhavam (ou trabalhariam nos anos seguintes) outros suportes, como o escultor Barrão, as gravadoras Analu Cunha e Suzana Queiroga e os artistas multimídia Alexandre Dacosta e Ricardo Basbaum. Egressa da Oficina de Gravura do Museu do Ingá, em Niterói, e, a partir dos anos 2000, dedicada à videoarte, Analu lembra como o burburinho ultrapassou os muros do **Parque Lage** e atraiu artistas de várias partes.

- Soubemos que iria acontecer e viemos, eu e Bia Pimenta (Velloso), com as pastinhas debaixo do braço apresentar nossas gravuras. Tinha muita gente fazendo outras coisas, ainda que o foco estivesse na pintura - comenta Analu, que é professora do Programa de Pós-Graduação em Artes da Uerj. - Para a maioria de nós, na época, viver de arte era coisa de herdeiro, o que não era nosso caso. E as escolhas profissionais vinham também das nossas limitações. Acabei indo para o vídeo porque era viável, eu não tinha ateliê e, ao mesmo tempo, tive facilidade em aprender a editar.

'As pessoas estavam carentes de figura, de cor'

A predominância da pintura estava associada também, segundo os artistas que integraram a "Como vai você, Geração 80?", à necessidade de abordar questões represadas desde os anos da ditadura.

- As pessoas estavam carentes de figura, de cor. E a pintura surge como uma linguagem capaz de responder com rapidez a isso. A maioria ali desenvolveu uma relação de cumplicidade, e precisava expressar o que estava vivendo. Ninguém queria pensar demais a obra, era mais mão na massa mesmo - pontua Marcus Lontra. - E é importante ressaltar também a qualidade dessa produção. Para mim, os pintores da geração 80 são, na sua grande maioria, os melhores pintores da história da arte brasileira.

Professor da EAV, assim como Xico Chaves e Chico Cunha, Luiz Pizarro faz eco ao curador em relação às urgências que eram trabalhadas com tintas e pincéis por artistas da época.

- Eu fiz, para a mostra em 1984, uma série chamada "Pegação no Parque", que eram três figuras masculinas enormes, uma azul, uma vermelha e uma amarela, fazendo cruising (prática de flerte ou sexo com desconhecidos em lugares públicos). Talvez hoje até fosse censurada, porque aparecia pau, corpo - recorda Pizarro. - A gente vivia intensamente a cidade. Íamos pro sol, pro Baixo Leblon, pro Posto 9, pras festas. A gente vivenciava o que ia trabalhar nas obras.

Xico Chaves acrescenta que muito do clima da exposição vinha do próprio dia a dia da escola, que os alunos frequentavam diariamente:

- Tudo convergia para cá. Eram eventos de poesia visual, poesia-processo, vários shows, de Caetano Veloso, Jards Macalé, Luiz Melodia. O movimento de novos palhaços, os grupos de dança, até o Circo Voador vai ter início na EAV. Aqui é o lugar onde todas essas linguagens se misturam e que vão resultar numa galáxia, que vai desembocar em outras galáxias.

Para Alberto Saraiva, diretor da EAV, dentre os legados deixados pela exposição de 1984 está a permanência do "DNA da escola", que ficou conhecida em todo o país após a repercussão do evento.

- Isso é algo que é muito claro para quem estudou ou ensinou aqui, a contribuição da escola para um pensamento brasileiro. É o que a gente tenta dar sequência, com os professores que são artistas, curadores, historiadores da arte, e intelectuais de um modo geral - destaca Saraiva. - A gente vai caminhando diante de todas as dificuldades, e consegue levar a outras partes do Brasil e do mundo, por meio de parcerias, um pouco da nossa história. Recebemos várias visitas de diretores de instituições internacionais e eles ficam impressionados com o prédio, essa floresta e a multidão de visitantes que passam por aqui diariamente. É o que faz a escola viva.

Beatriz Milhazes acredita que, ao consolidar a internacionalização da arte brasileira, a geração 80 também mudou a forma como a produção nacional era vista:

- As regras do mercado foram historicamente ditadas pela Europa e pelos Estados Unidos. Mas quando conseguimos criar esses espaços, passamos a ter outra compreensão da arte, que não estava submetida a nenhuma visão de fora.



NELSON GOBBI
nelson.gobbi@oglobo.com.br

Há exatas quatro décadas, a Escola de Artes Visuais (EAV) do Parque Lage, criada por Rubens Gerchman nove anos antes, era ocupada por 123 artistas, com trabalhos que tomavam toda a estrutura do palacete e dos jardins. Batizada com uma pergunta, “Como vai você, Geração 80?”, a coletiva gerou muito mais inquietações que respostas, que balizaram a arte brasileira pelos 40 anos seguintes, e garantiram seu lugar entre as principais exposições nacionais do século XX.

Mesmo com o tempo consolidando a importância histórica do evento, na memória de seus participantes ainda vem a urgência de mostrar uma produção que espelhasse o momento do país, com a efervescência pós-abertura democrática e ainda sob o impacto da campanha pelas Diretas Já, que gerava outros fenômenos culturais, como o Rock Brasil e o teatro besteirol. Os poucos registros da abertura naquele 14 de julho de 1984 ou do público lotando a escola para ver a exposição — foram mais de 15 mil pessoas em um mês de duração, um número então impensável para a EAV — indicam o quanto o pensamento estava mais focado no presente do que na consagração futura.

A convite do GLOBO, cinco artistas presentes na mostra — Beatriz Milhazes, Analu Cunha, Xico Chaves, Luiz Pizarro e Chico Cunha — e o curador Marcus Lontra, que assinou a coletiva com Paulo Roberto Leal (1946-1991) e Sandra Magger (1956-2018), se encontraram na EAV para relembrar o evento e avaliar seus impactos na produção brasileira 40 anos depois.

— Havia um otimismo no ar, e o Rio respondia a isso. Tinha o Asdrúbal (Trouxe o

GERAÇÃO 80 + 40

PARTE DA HISTÓRICA MOSTRA REALIZADA NO PARQUE LAGE QUATRO DÉCADAS ATRÁS, OS ARTISTAS BEATRIZ MILHAZES, ANALU CUNHA, XICO CHAVES, LUIZ PIZARRO E CHICO CUNHA E O CURADOR MARCUS LONTRA SE REENCONTRAM PARA AVALIAR LEGADO DE SUA PRODUÇÃO

Trombone), o Circo Voador, e, apesar de ter artistas de São Paulo e outros estados, a “Como vai você” foi também uma resposta carioca ao momento — contextualiza Lontra, à época diretor da EAV. — Foi um meio de apresentar aquela produção, feita de forma muito romântica. Chamamos os artistas para ocupar a escola, não havia uma organização mega, ninguém pensou em contratar fotógrafo. Inau-

guramos no sábado, e no domingo o Paulo (Roberto Leal) me ligou de manhã dizendo que tinha uma multidão na porta e precisávamos abrir. Ninguém esperava isso.

Após o sucesso original, Lontra voltou à produção do período 20 anos depois, com “Onde está você, Geração 80?” (2004), no CCBB do Rio, e organiza, para novembro, a coletiva “Quem é você, Geração 80?”, prevista

para a Casa França-Brasil. Outra exposição que aborda obras daquela época será montada também no CCBB do Rio, em outubro, com curadoria de Raphael Fonseca. E a EAV promove, até o fim do mês, encontros entre artistas e curadores relacionados ao evento de 1984 (confira programação na página 2). Projetada internacionalmente nas décadas seguintes, Beatriz Milhazes lembra que a perspectiva para os alunos e aspirantes a artistas em 1984, como ela na época, era muito diferente da realidade atual, com o mercado mais consolidado, e um circuito mais amplo de galerias e feiras de arte.

— Tudo demorava a chegar aqui. Quando apareciam umas quatro (revistas) ArtForum, de três meses atrás, eram disputadas a tapa — diverte-se a pintora. — Todos nós crescemos durante a ditadura, e o mais importante naquele momento era sentir que éramos livres para nos expressar. Entre a gente tinha um pequeno grupo de artistas já com galeria, mas para a maioria viver de arte ainda parecia uma coisa distante. Só depois que cada um foi construindo sua trajetória, ampliando o mercado.

‘VOLTA À PINTURA

Para Chico Cunha, que é arquiteto de formação, a exposição abriu caminhos profissionais para aquele grupo de jovens e os que vieram depois:

— A partir da mostra, a ideia de viver como artista começou a entrar na classe média. As famílias começavam a aceitar que aquilo podia ser viável, vendo alguns exemplos de artistas que estavam se dando bem financeiramente.

Pelo maior número de pintores, como Chico e Beatriz, além de nomes como Luiz Zerbini, Cristina Canale, Daniel Senise, Leonilson, Gonçalo Ivo e Victor Arruda, a mostra ficou associada a um movimento de “volta à pintura”, após a predominância da arte conceitual nas décadas anteriores. Contudo, também teve a participação de artistas que trabalhavam (ou trabalhariam nos anos seguintes) outros suportes, como o escultor Barão, as gravadoras Analu Cunha e Suzana Queiroga e os artistas multimídia Alexandre Dacosta e Ricardo Basbaum. Egressa da Oficina de Gravura do Museu do Iná, em Niterói, e, a partir dos anos 2000, dedicada à videoarte, Analu lembra como o burburinho ultrapassou os muros do Parque Lage e atraiu artistas de várias partes.

— Soubemos que iria acontecer e viemos, eu e Bia Pimenta (Velloso), com as pastinhas debaixo do braço apresentar nossas gravuras. Tinha muita gente fazendo outras coisas, ainda que o foco estivesse na pintura — comenta Analu, que é professora do Programa de Pós-Graduação em Artes da Uerj. — Para a maioria de nós, na época, viver de arte era coisa de herdeiro, o que não era nosso caso. E as escolhas profissionais vinham também das nossas limitações. Acabei indo para o vídeo porque era viável, eu não tinha ateliê e, ao mesmo tempo, tive facilidade de aprender a editar.

MUDANÇA DE PATAMAR, NA PÁGINA 2

Turma de 1984

A partir da esquerda, Analu Cunha, Marcus Lontra, Luiz Pizarro (no chão), Beatriz Milhazes, Xico Chaves e Chico Cunha, no Salão Nobre da EAV do Parque Lage: efervescência nas artes visuais pós-abertura democrática



Sucesso. Cartaz da exposição coletiva, vista por 15 mil pessoas em um mês

CACÁ
DIEGUES

segundocaderno@globo.com.br

O QUE
DEVEMOS
A ELE

Eu devia ter uns 15 ou 16 anos de idade quando vi pela primeira vez “Rio, 40 graus”, de Nelson Pereira dos Santos.

Já estava incorporado ao movimento estudantil e na verdade atendia a uma convocação da entidade secundarista que participava do esforço geral por sua liberação, pois o filme se referia a um calor de 40 graus que, segundo o Chefe de Polícia (a quem a Censura era submetida), nunca tinha feito na cidade. Só podia ser coisa de comunista tentando impedir o crescimento do Rio de Janeiro como polo de inevitável turismo!

Já estava comprometido com a existência de um cinema brasileiro e, naquele momento, desenvolvia essa ideia fundadora nas reuniões da Cinemateca do MAM, nas projeções da ABI, onde me permitissem falar, sempre levado por David Neves com quem tinha me aliado para fazer filmes experimentais com a pequena câmera de 16mm que ganhara de seu pai.

Entre uma convocação e outra, eu perguntava sempre se haveria debate no final das sessões. Se não houvesse, eu simplesmente não ia de jeito nenhum. Pra quê?

O que não queríamos era o que podíamos chamar de “cinema popular”. Aquele que justificava a existência de filmes como os que estavam sendo feitos no Sudeste do Brasil (Rio e São Paulo) por produtores fajutos que só pensavam na bilheteria.



A LIDERANÇA E A GENIALIDADE DE GLAUBER ROCHA FORAM FUNDAMENTAIS, MAS SEM NELSON NADA DISSO SERIA POSSÍVEL

Nós queríamos mais do que isso, queríamos um cinema de filmes que nos representassem de fato, que fossem uma reprodução do que éramos e do que queríamos ser. No fundo, o que queríamos mesmo era uma reprodução dos ideais do Modernismo no cinema, um jeito de contar nossas histórias como só nós podíamos e sabíamos contá-las. E tudo aquilo estava ali, na tela de “Rio, 40 graus”, como se fosse um milagre provocado por nossos corações e mentes.

Ninguém tinha jamais visto daquele jeito a realidade das favelas cariocas, matriz e exemplo de tantas outras espalhadas pelo Brasil, assim como ninguém ouvira a música popular de Zé Keti do jeito que estávamos ouvindo agora. Em suma, a imagem que “Rio, 40 graus” nos passava era a de uma civilização dessemelhante, o tempo e o espaço só seriam identificados depois com novos hábitos todos revelados aos poucos por outros modos de registro do que éramos capazes de observar.

Acho que só senti emoção semelhante quando, um par de anos depois, vi “Orfeu da Conceição”, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, inaugurando a parceria entre Vinícius de Moraes e Tom Jobim. Mesmo que não entendêssemos logo o que era, alguma coisa inédita se passava diante de nós. Nesse ano de 2024 comemoramos 60 anos da apresentação para o mundo do cinema brasileiro. Desse cinema que nós nos acostumamos a chamar de “Cinema Novo”. Não se trata mais de cuidar do Brasil, de nossas histórias de um modo diferente; mas de também filmá-las de um modo diferente. E novo!

Em 1964, chegamos ao Festival de Cannes, cheios de ideias novas pra quem as quisesse ouvir. “Deus e o Diabo na Terra do Sol” e “Vidas Secas” estavam na competição e meu filme “GangaZumba” na Semana da Crítica. De certo modo tentamos explicar o que pretendíamos. Glauber Rocha afirmava que “Le Cinéma Novo, c’est moi”, e ele tinha toda razão. Ruy Guerra tinha feito “Os fuzis”, seu filme de Mestre. Joaquim Pedro de Andrade negociava a produção de seu “Macunaima” com Claude Lelouch. E ainda havia tantos outros por lá ou esperando sua vez e sua hora no Brasil!

A liderança e a genialidade de Glauber Rocha foram fundamentais, assim como as contribuições de todos os outros. Mas sem Nelson, que sempre se considerou “pré Cinema Novo”, nada disso seria possível. Se Nelson Pereira dos Santos não tivesse filmado antes de todos, nós não seríamos nada.

Cinema Novo é, antes de tudo, acreditar que temos um papel de protagonista ao descobrir o que temos de melhor.



Na piscina. Público na EAV observa a escultura inflável “Baleia”, de Frida Baranek, e as gaiotas de Carlos Mascarenhas

CONTINUAÇÃO DA CAPA

‘AS PESSOAS ESTAVAM CARENTES DE FIGURA, DE COR’, DIZ CURADOR

A predominância da pintura estava associada também, segundo os artistas que integraram a “Como vai você, Geração 80?”, à necessidade de abordar questões represadas desde os anos da ditadura.

— As pessoas estavam carentes de figura, de cor. E a pintura surge como uma linguagem capaz de responder com rapidez a isso. A maioria ali desenvolveu

uma relação de cumplicidade, e precisava expressar o que estava vivendo. Ninguém queria pensar demais a obra, era mais mão na massa mesmo — pontua Marcus Lontra. — E é importante ressaltar também a qualidade dessa produção. Para mim, os pintores da geração 80 são, na sua grande maioria, os melhores pintores da história da arte brasileira. Professor da EAV, assim

como Xico Chaves e Chico Cunha, Luiz Pizarro faz eco ao curador em relação às urgências que eram trabalhadas com tintas e pincéis por artistas da época.

— Eu fiz, para a mostra em 1984, uma série chamada “Pegação no Parque”, que eram três figuras masculinas enormes, uma azul, uma vermelha e uma amarela, fazendo *cruising* (prática de flerte ou sexo com desco-

nhcedos em lugares públicos). Talvez hoje até fosse censurada, porque aparecia pau, corpo — recorda Pizarro. — A gente vivia intensamente a cidade. Vamos pro sol, pro Baixo Leblon, pro Posto 9, pras festas. A gente vivenciava o que ia trabalhar nas obras.

Xico Chaves acrescenta que muito do clima da exposição vinha do próprio dia a dia da escola, que os alunos frequentavam diariamente:

— Tudo convergia para cá. Eram eventos de poesia visual, poesia-processo, vários shows, de Caetano Veloso, Jards Macalé, Luiz Melodia. O movimento de novos palhaços, os grupos de dança, até o Circo Voador vai ter início na EAV. Aqui é o lugar onde todas essas linguagens se misturam e que vão resultar numa galáxia, que vai desembocar em outras galáxias.

ABRANGÊNCIA NACIONAL

Para Alberto Saraiva, diretor da EAV, dentre os legados deixados pela exposição de 1984 está a permanência do “DNA da escola”, que ficou conhecida em todo o país após a repercussão do evento.

— Isso é algo que é muito claro para quem estudou ou ensinou aqui, a contribuição da escola para um pensamento brasileiro. É o que a gente tenta dar sequência, com os professores que são artistas, curadores, historiadores da arte, e intelectuais de um modo geral — destaca Saraiva. — A gente vai caminhando diante de todas as dificuldades, e consegue levar a outras partes do Brasil e do mundo, por meio de parcerias, um pouco da nossa história. Recebemos várias visitas de diretores de instituições internacionais e eles ficam impressionados com o prédio, essa floresta e a multidão de visitantes que passam por aqui diariamente. É o que faz a escola viva.

Beatriz Milhazes acredita que, ao consolidar a internacionalização da arte brasileira, a geração 80 também mudou a forma como a produção nacional era vista:

— As regras do mercado foram historicamente ditadas pela Europa e pelos Estados Unidos. Mas quando conseguimos criar esses espaços, passamos a ter outra compreensão da arte, que não estava submetida a nenhuma visão de fora. (Nelson Gobbi)

O QUE VEM POR AÍ

A produção do período, que já havia sido abordada na mostra “Leonilson e a Geração 80”, em setembro do ano passado, na galeria Pinakothke Cultural, em Botafogo, vai ser tema de outros eventos no segundo semestre. Por conta dos 40 anos da exposição original, a EAV promove, até o fim do mês, um ciclo de conversas aberto ao público, sempre às 17h30. Nesta quarta-feira, a curadora e professora Daniele Machado e Luiz Pizarro participam da mesa “Quem tem medo do prazer?”, no dia 23. Beatriz Milhazes e Daniel Senise se encontram com o tema “Conversas sobre uma geração”; e no dia 31, Alberto Saraiva, Xico Chaves e o galerista Max Perlingeiro, da Pinakothke, falam sobre “Leonilson e sua geração”.

No final de novembro, Marcus Lontra planeja abrir na Casa França-Brasil (com possibilidade de também ocupar outras instituições) a coletiva “Quem é você, Geração 80?”,

continuando a trilogia iniciada por “Como vai você, Geração 80?” (1984) e “Onde está você, Geração 80?” (2004).

— Em 1984, muita gente dizia, em tom de provocação, que queria saber quem daqueles 123 artistas iria sobrar. A exposição de 2004 foi exatamente para mostrar isso, que muitos daqueles jovens lá de trás já faziam parte da vida artística nacional — comenta Lontra. — Agora a exposição tem um caráter histórico mesmo, de mostrar como a geração 80 influencia a produção contemporânea, ampliando até os conceitos curatoriais para abranger esse leque de questões relacionadas na produção destes artistas. É um reconhecimento da importância destes nomes, como se fez com os concretos, os modernistas.

Já o curador Raphael Fonseca e os curadores adjuntos Amanda Tavares e Talisson Melo preparam para outubro no CCB do Rio uma coletiva que



Foto: “A previsão de Londres (1987)”, de Danilo de S’Acra: outubro no CCB

atravessa a produção dos anos 1980, com um recorte criado a partir de dois eventos: o fim do Ato Institucional 5 (AI-5), em 1978, e o impeachment do então presidente Fernando Collor de Mello, em 1992. Ainda sem título definido, a mostra reunirá, entre as 300 obras de 150 artistas selecionados, trabalhos dos nomes que integraram a “Como vai você, Geração 80?”, mas também contemporâneos de outros regiões do país.

— A exposição da EAV é um marco incontornável da histó-

ria da arte brasileira, não teríamos como contar essa história sem passar por ela. A ideia é ampliar esse panorama e mostrar também outras coisas que estavam acontecendo ao mesmo tempo no Brasil, ou artistas que estavam produzindo no exílio — adianta Fonseca. — Eram vários anseios existenciais sendo trabalhados no período, como pintura, cerâmica, vídeo. Por isso que falamos em várias “gerações 80”, para dar conta dessa diversidade.